



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Monografia em Literatura

LEITURAS EM *O MERGULHO TENEBROSO*, DE ROGER BASTIDE

Luiza Caroline Nunes Vieira

Rogério da Silva Lima
Orientador

Brasília - 2011



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Monografia em Literatura

LEITURAS EM *O MERGULHO TENEBROSO*, DE ROGER BASTIDE

Luiza Caroline Nunes Vieira

Rogério da Silva Lima
Orientador

Trabalho monográfico apresentado ao Departamento de Teoria Literária de Literaturas – TEL, do Instituto de Letras – IL, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Letras – português (Língua Portuguesa e respectiva literatura).

Brasília - 2011

Vieira, Luiza Caroline Nunes.

Leituras em *O Megrulho* Tenebroso, de Roger Bastide / Luiza Caroline Nunes
Vieira. Brasília, 2011.

21 f.

Trabalho monográfico (graduação) – Universidade de Brasília, Instituto e Letras,
Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2011.

Orientador: Rogério da Silva Lima

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Monografia em Literatura

Trabalho monográfico apresentado ao Departamento de Teoria Literária de Literaturas – TEL, do Instituto de Letras – IL, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Letras – português (Língua Portuguesa e respectiva literatura).

Aprovado por: Professor Doutor Rogério da Silva Lima

Brasília, dezembro de 2011.

Para meus familiares, amigos e colegas de jornada.

RESUMO

Este trabalho monográfico aborda as diferentes perspectivas alçadas por Roger Bastide na construção de suas reflexões acerca da temática do sono e do adormecer. Compreender a abordagem multifacetada, despragmatizada e despreconceituosa de Bastide, revelando seu caráter indubitavelmente intelectual e abrangente, é objetivo deste artigo. O foco é rever e restaurar as origens do pensamento bastidiano com vistas a valorizar a dar a ver as aplicações possíveis de sua sociologia e antropologia.

Palavras-chave: Roger Bastide; Mergulho Tenebroso; mito; sono.

ABSTRACT

This monograph discusses the different perspectives lifted by Roger Bastide along the building of his reflections about the theme of sleep and dreaming. Understanding Bastide's multifaceted and unprejudiced approach, revealing his character undoubtedly intellectual and comprehensive, is the objective of this article. The focus is to review and restore the origins of bastidian thought in order to bring light to the possible applications of his sociology and anthropology.

Keywords: Roger Bastide; Mergulho Tenebroso; myth; sleep.

SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	9
A verdade do mito.....	10
O mito no Mergulho Tenebroso.....	12
Mergulho psicanalítico.....	14
Linha lírica à procura da história morta	16
O mergulho bergsoniano.....	18
Considerações finais.....	20
Referências Bibliográficas.....	21

Considerações iniciais

“A cada vez que nos for dado falar de um autor, será para prolongá-lo e não para resumi-lo”

(BASTIDE, 2006, p. 29)

O artigo *O mergulho tenebroso*, de Roger Bastide¹, foi publicado em setembro de 1932, na revista Grande Revue, com o intuito de abraçar o ensejo de reedições de uma série de obras que tem como temática o sonho; como a coletânea do romancista alemão Jean-Paul – considerado o “romântico do romance” e extremamente influenciado pelas idéias de Rousseau. Recentemente, em 2006, com o auxílio do Ministério Francês das Relações Exteriores, a compilação *O sagrado selvagem e outros ensaios* (1976) – com revisão técnica de Reginaldo Prandi e tradução de Dorothée de Bruchard – que continha o artigo citado, foi reeditada pela Companhia das Letras.

Henri Desroche descreve *O sagrado selvagem e outros ensaios* da seguinte maneira no prefácio da última edição:

“A obra de Roger Bastide – de que este trabalho é uma representação – é uma daquelas que nos levam muito longe em sua decifração. Para retomar outro título, reservado para outro projeto num folheto manuscrito, ela se quer, e é, uma “espeleologia da alma”.” (H.D., 2006, Prefácio, p. 10)

Em *O Mergulho tenebroso*, Bastide desce às “trevas do sonho” e tece o que recusa a aceitar como uma resenha de leituras ou apresentação da obra deste ou daquele autor: ele desvenda a mitificação das idéias de diferentes autores sob uma perspectiva platônica de mito. De fato, o Mergulho bastidiano reflete, metamorfoseia e repagina os conceitos de Freud, Bergson e outros autores que discorreram sobre o sono e o sonho, completando-lhes os sentidos com reflexões que apenas as idéias de uns poderiam fornecer às de outros.

O presente trabalho tem como objetivo dar a ver as elucidações de Bastide acerca das idéias de outros autores e comentar suas reflexões e conceitos multidimensionais e

¹ Roger Bastide (Nîmes, 1 de abril de 1898 — Maisons-Laffitte, 10 de abril de 1974) foi um sociólogo francês. Em 1938 integrou a missão de professores europeus à recém-criada Universidade de São Paulo, para ocupar a cátedra de sociologia. No Brasil, estudou durante muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n12_p47.pdf Acessado em novembro de 2011.

transdisciplinares que aliam aspectos antropológicos, sociológicos, psicológicos, literários e históricos para produzirem análises multifacetadas e não deterministas sobre a temática do sonho que beiram até mesmo ao lirismo.

Tendo em vista que este é apenas um minúsculo recorte de uma discussão pontual levantada deste modo por Bastide, objetiva-se demonstrar como a metodologia bastidiana é capaz de atestar a possibilidade de efetividade da vasta abrangência ideológica para a produção de pesquisas tanto mais complexas quanto completas e despragmatizadoras. Ao considerar a extensa gama de conhecimentos de disciplinas, Bastide, profundo conhecedor das ciências humanas, longe de ancorar-se em um referencial científico, busca a vastidão de possibilidades que possam contribuir para a expressão do conhecimento do mundo, justamente o seu objetivo primeiro como amante da ciência e da pesquisa.

A verdade do mito

A conjuntura ideológica que opunha *mythos* e *logos*, na antiguidade clássica, indicava a contraposição entre a razão – o discurso filosófico – e as narrativas míticas que eram os pilares de sustentação das sociedades arcaicas. Ao se dispor a investigar questões humanas como as origens do ser humano e do mundo, entretanto, a filosofia, inevitavelmente, passou a penetrar o espaço do mito. Surgiram os modelos filosóficos para a compreensão da gênese do mundo que nada mais são do que maneiras de inverter as relações: o cotidiano passa a explicar as construções míticas e não o contrário, como na antiguidade. A *mitopoiese* é, pois, substituída pela linguagem do discurso filosófico.

Sob uma concepção mais diagnóstica, o mito é situado em local diferente dentro da constituição do imaginário da humanidade e torna-se dotado de igual valor em relação à razão. O Romantismo validou este conceito de autonomia do mito e considerou-o uma nova forma de fazer filosófico. Segundo Cassirer (1998), “o mito se converte em um problema para a filosofia, à medida que nele se manifesta uma direção originária do espírito, um modo independente de configuração da *consciência*” (p. 20), ou seja, a localização do mito está na tênue divisão entre objetivo e subjetivo, não pode ser considerado nem um, nem outro, ainda que seja constituído pelos dois. Como patrimônio da humanidade, o mito adota uma esfera indiferenciada entre os saberes objetivos e os subjetivos, sua unidade encontra-se justamente na alma humana que não pode ser atestada e nem dissolvida.

As relações entre mito e cultura são extremamente relevantes, também, para a sociologia moderna, na qual se inclui Bastide. O mito está profundamente ligado à tradição e à natureza, e ao posicionamento do homem diante do passado, possui a finalidade de manter e dar continuidade à cultura e, portanto, é indispensável a todas as culturas. Para Levi-Strauss (1996, p.239), os diferentes grupos sociais possuem suas construções míticas, suas maneiras de resolver a questão da existência humana e sua postura própria diante do mundo; e os mitos não se sujeitam à regra alguma de lógica ou continuidade.

Entre os métodos da humanidade para encontrar conhecimento e caminhos para a ação, distinguem-se duas macro-possibilidades: o caminho mágico, simbólico e mitológico; e o caminho racional, empírico e técnico. Para a compreensão das reflexões *d'O Mergulho Tenebroso*, é necessário que exista certa complementaridade, interação e coexistência entre eles. Bastide, em todo o seu percurso de pesquisas e obras, sempre priorizou a ampliação de horizontes e interação disciplinar, a elaboração de ideologias despragmatizadas e multivisionais. Bem como a renúncia ao conhecimento empírico e racional não seria salutar à humanidade e conduzi-la-ia ao misticismo cego e às correntes do medievalismo, também o abandono das crenças basilares e fundamentais do homem, sejam elas religiosas ou místicas, acarretaria a desintegração das sociedades (MORIN, 1986, p.144).

Magia e mito implicam-se e fundem-se no símbolo compacto, segundo Cassirer (1998, p.22). A autonomia do símbolo fomenta o pensamento mitológico que sobrevive da magia e paralelamente a sustenta. Assim como o símbolo, o mito possui um núcleo coagulado de significação como vários níveis de verdade, ou seja, engloba a esfera do símbolo, o transcende e ultrapassa dando origem, então, ao imaginário e, indubitavelmente, ao real. Nas sociedades contemporâneas, os mitos parasitam a pretensão do homem de reger e guiar-se pela ciência e pela razão, fenômeno evidenciado em diversas pesquisas e obras desde o século XIX. A mitologia, como narrativa, preenche com seu mistério aqueles que pretendem vê-la a partir do exterior e faz transportarem-na para aquilo que é vivido no interior como verdade. A dissociação do mito e da verdade, do imaginário e do real, torna-se cada vez menos evidente até que o mito deglute também a razão e o cientificismo.

A verdade do mito não obedece à lógica ou à verdade empírica e é indissociável da linguagem, uma vez que etimologicamente a palavra *mythos* significa discurso e conserva nas entrelinhas da evolução do pensamento humano esta propriedade discursiva. Entretanto, a verdade do mito não é submetida a provas e testes para ser aprovada, ela é, sobremaneira, intuída e confirmada na consciência, condiz, sim, com a realidade. Esta

maneira espontânea e verdadeira do homem situar-se no mundo – o mito – não é uma falácia, mas auxilia na sublimação do ser humano às esferas superiores e transcendentais, fornece valores e paradigmas essenciais à condição humana, fomenta a curiosidade, a inspiração e a vontade do saber (ELIADE, 2000, p.19).

A verdadeira história, aquela que retrata a condição humana, é preservada por meio do mito, pois ele trata das realidades e do modo como elas existiam para os indivíduos. Portanto, o mito propicia fundamentos para o mundo e direcionamentos para a atividade humana significativa e confere valor à existência. O mistério da origem das coisas e do pensamento humano está contido nos mitos que traduzem a forma como as concepções passaram a existir e dão pistas de como encontrá-las e fazê-las ressurgir (ELIADE, 2000, p. 19).

A solução sugerida por Albert Einstein (1954, apud KRIPPNER, 1992) é a de que a religião, a arte e a ética são motivadas pelo encantamento do ser humano em face aos mistérios do mundo. O mito é, então, erroneamente encarado como algo fantasioso e irreal; em vez disso, o mito precisa ser considerado como uma forma de construir sentidos da realidade. Um mito pessoal é capaz de configurar uma estrutura cognitiva acerca do passado e atribuir-lhe sentido, reafirmando, assim, o presente, do mesmo modo que um mito coletivo atua nas estruturas sociais.

O mito no *Mergulho Tenebroso*

Bastide (2006) inicia suas elucidações acerca do mergulho tenebroso do sono com a seguinte analogia:

“Como um marinheiro que depois de muito lutar contra as ondas, os olhos queimados de sal, a boca cheia de água, finalmente se abandona e deixa de resistir, assim o sono nos toma e rompe, uma por uma, as derradeiras tentativas da consciência, assustada diante do abismo em que vai soçobrar e de onde teme não conseguir, depois, retornar.” (p. 30)

A intensa relação de atração e medo da humanidade com o mar é associada às relações instáveis, incontrolláveis e inseguras do homem com o esvaecer do sono. Bastide retoma a relação dos gregos com o mar e, segundo ele, este povo soube expressar como nenhum outro as relações sedutoras e destrutivas dos braços sufocantes das sereias encantadas.

A mitologia grega expressa a magia arrebatadora do mar por meio de inúmeras figuras e elementos mitológicos, como: Poseidon, deus do mar, filho do titã Cronos e da titã Réia, irmão de Zeus e de Hades, pai de Tritão e de vários deuses e criaturas famosas por sua perversidade; Afrodite, deusa do amor e da beleza, vingativa e ciumenta, a Vênus romana que aparece como filha de Zeus e Dione na *Ilíada* de Homero, brotou da espuma do mar e pode ter seu nome traduzido como “nascida da espuma”; Cila e Caribdes, dois monstros marinhos que personificaram os perigos das navegações próximas a rochas e estreitos; cimérios, povos que habitavam o noroeste da Europa, junto ao lado mais obscuro do oceano na poesia de Homero; e as ninfas do mar, seres com corpo de ave e cabeça de mulher que passaram a ser retratados na Idade Média com cabeça e torso de mulher e cauda de peixe, atraíam os marinheiros para as rochas com seu canto hipnotizador, levando-os à perdição e à morte (GANDON, 2000, p. 45-56).

Entretanto, a batalha do mar é vista por Roger Bastide como consciente e engajada, enquanto a batalha do sono rouba a vida e a consciência do homem, faz com que ele caminhe em direção ao nada, ao mistério em si. A imersão do homem no sono é descrita como um deleite incontrolável, comparada ao fundo do mar, às plantas escondidas e submersas na vida noturna e sem luz, relacionada às trevas de escuridão:

“O clarão gira, gira, bruscamente, atraindo em sua dança a minha cabeça, a cama, o quarto. Não tenho coragem de estender a mão, de deter a farândola. Nem sei se estou mergulhando em trevas ainda mais opacas ou se, pelo contrário, não estão jorrando do mais íntimo de mim mesmo estranhas florações, plantas desconhecidas, toda uma vegetação submarina geralmente contida no fundo do meu ser, mas que rompendo os liames que a prendiam à areia das profundezas, sobe lentamente e desabrocha sob as minhas pálpebras deslumbradas...” (BASTIDE, 2006, p.31)

O mergulho imperceptível do sono é, para Bastide, igualmente definido pelos mitos contemporâneos como os de Marcel Proust, Freud e Bergman. O chamado “mito vivido” é descrito por Thomas Mann (1960) como a fase “recente e madura” da vida de um indivíduo, enquanto é apenas etapa primitiva da vida da humanidade:

“O que se ganhou, é um insight na verdade maior, retratada na atualidade; um sorridente conhecimento do eterno, o ser contínuo e autêntico; o reconhecimento do esquema no qual, e em acordo com o qual, vive o indivíduo.” (p. 371-372)

Assim, torna-se possível abordar os mitos atuais como declarações que remetem a assuntos existenciais e resultam em conseqüências comportamentais. Bastide

descreve o adormecimento como a acúmulo máximo de energias em batalha. A vida em vigília é contínua batalha e criação, em que os esforços dão-se para o homem superar-se ou manter-se sempre; já o sono demanda, em um mínimo esforço, intensa batalha para o ser enlevado de torpor.

O domínio escuro-claro do pensamento ao adormecer relatado por Marcel Proust fez Bastide admirar-se com a clareza da tradução das transições imperceptíveis, do domínio impreciso. Para Proust, dormir e sonhar são experiências habituais, sempre precedidas e acompanhadas por evocações mnemônicas, recordações dessas atividades noturnas. Durante o sono, Proust não sabe determinar se permanece desperto ou em sonho, mas afirma que dá continuidade nas reflexões e pensamentos da vigília, pois não haveria de cessar o pensamento acerca daquilo que acabara de ler. Assim, ele determina algo imprescindível para a compreensão do sono e do sonho: a continuidade do pensamento. O sujeito pensante, que não dorme e não se desliga do mundo da consciência, desperta do sono reforçado pelo pensamento; ainda que este sujeito não possua atributos sensíveis, físicos e concretos, ele é capaz de afirmar-se como aquele que rege o pensamento, que sonha, toma decisões, hesita, toma a palavra, medita, enfim, é capaz de tornar-se o sujeito da enunciação (PROUST, 2006, p.256).

Mergulho psicanalítico

Roger Bastide, em suas obras, sempre buscou o viés psicanalítico como meio válido de abordagem para realizar as análises com as quais se comprometeu e, n'*O Mergulho Tenebroso*, lança mão da explicação de Freud e da psicanálise acerca do sono.

Segundo as considerações de Bastide, para Freud o sono é um fenômeno de regressão que subsiste das aventuras noturnas, das explorações do mistério do inconsciente. A alma nostálgica arranca pela manhã algo do domínio proibido: aquilo que os indivíduos lembram-se dos sonhos que tem. O pai da psicanálise elegeu o mito de Édipo para retratar o dilema central do desenvolvimento humano e afirmou ter encontrado extraordinários paralelos entre este mito e os sonhos, trabalhos de arte e padrões das mitologias culturais. Por meio dos sonhos, torna-se possível desvendar os mitos individuais – dimensões evasivas e ilusórias da personalidade humana – dos sujeitos e a história primitiva da vida cotidiana.

Além dos mitos pessoais, é possível identificar ainda mitos familiares, sistemas bastante articulados e bem integrados de crenças compartilhadas por membros de determinada família como extensor construtor ou reflexo dos mitos pessoais. Os sonhos e mitos teriam, assim, a mesma origem que é a psique humana. Ao remontar e compreender o sonho, torna-se possível acessar uma máquina do tempo capaz de conduzir o homem ao conhecimento de sua ancestralidade presa no inconsciente.

“O homem agora desceu completamente às trevas noturnas. A noite inteira ele irá viver na magia das imagens, na delícia de um Éden de pureza reencontrado, ou então no pavor dos monstruosos pesadelos. O que subsiste dessas aventuras? Dessas estranhas explorações nos mistérios do Inconsciente?”
(BASTIDE, 2006, p.32)

O inconsciente, para Freud e Bastide, é um conjunto de camadas da alma desconhecida, como camadas geológicas. O inconsciente noturno formara-se com o passar das eras, sedimentado com os resquícios sobrepostos pelo peso de muitos séculos. Ao escavá-lo, descobrem-se fósseis e vestígios dos mais antigos ancestrais da raça humana. O sonho é o motor de escavação que permite que o homem tome posse do passado e remonte histórias seguindo a seguinte linha: do mundo civilizado e polido de hoje ao grego ou romano criador de mitos e circos e, então, ao primitivo que desenha nas paredes e dança nas clareiras das densas florestas em torno do fogo. A retrospectiva que conquista o passado é o convite de Freud à compreensão dos sonhos, pois no profundo de cada ser existem amarras e resquícios arqueológicos e históricos.

A libido, tão mal compreendida nas teorias freudianas, é constituída pelas tendências e desejos da humanidade que, geralmente, mas não em vias de regra, revestem-se do caráter sexual. A libido seria capaz de massacrar a sociedade civilizada se o homem desse a ela toda liberdade de expressão, pois ela representa o tirano escondido em cada ego. Não há nada mais perigoso para a vida coletiva que as tendências egoístas e os instintos de amor e ódio, pulsões relativamente conscientes para assassínios e violências sexuais, o tormento que empurra filho para mãe e pai para filha. A sociedade é, acima de tudo, força necessária de repressão sobre a libido, mas que não extermina, entretanto, as tendências libidinosas reprimidas, a sociedade filtra a libido e deixa passarem os elementos que não lhe causem prejuízo.

O sono é um dos momentos privilegiados em que as forças dos desejos reprimidos batem à porta do ser. No sonho, é o social repressor que adormece e a libido, então, insinua-se à consciência humana. O sonho é a revanche da nossa imoralidade inerente

organizada em dois níveis sobrepostos: o conteúdo manifesto e as idéias latentes. Segundo Bastide, será necessária toda uma arte para decifrar as mensagens contidas nas idéias latentes por meio da simbologia dos sonhos.

Para Cassirer (1998), todo conhecimento, seja ele científico ou não, une-se às relações humanas em estruturas simbólicas. As relações do homem com o mundo são permeadas por símbolos e linguagem, bem como a arte e o aspecto mítico-religioso são representações particulares dessas relações simbólicas. Assim como no sonho, o que realmente tem relevância no mito não é o encadeamento das narrativas, mas o sentido simbólico dos termos e fatos, o seu dinamismo, sua versatilidade e mobilidade. Será possível, portanto, coletar dados acerca da ancestralidade e dos primórdios da humanidade estudando-se os simbolismos dos sonhos.

Há a pré-história individual – a infância – e, em seguida, a pré-história filogenética. É necessário estabelecer qual parte do sonho provém da pré-história individual, dos processos psíquicos latentes; e o que compete à filogenética e provém dos elementos dessa vida. A estrutura mítica existente no sonhador é sintetizada no sonho e serve de modelo para mudanças comportamentais e para uma mitologia pessoal.

Linha lírica à procura da história morta

Os mitos gregos representam a primeira estratificação da origem das simbologias do inconsciente e da mentalidade da civilização ocidental de modo geral. Os gregos decodificaram e transmitiram por gerações os seus mitos existenciais e, assim como os egípcios, marcaram determinantemente a criação do mundo ocidental. Passagens e miragens bíblicas, cânticos, lendas como as de Moisés e as histórias de Salomão sobrepuseram, sobremaneira, o ideário de retalhos “greco-ocidental” e passaram a representar a ordem moral vigente na sociedade.

Entretanto, deuses-animais, pirâmides, reinos de areia, visitas à terra da Morte, e todas as crenças egípcias continuaram a existir e a influenciar o mundo moralmente e socialmente acomodado aos interditos e costumes, bem como aos seus subterfúgios. No adensamento da viagem rumo às profundezas da memória ancestral, encontra-se o culto da terra-nutriz e a vontade de envolver a mãe, a raiz, a origem. Culto e adoração às coisas misteriosas ligadas à sexualidade, à geração.

As crenças egípcias assemelham-se a outras religiões antigas em que os deuses praticavam atos sexuais, sentiam prazer sexual e mantinham relacionamentos afetivos e amorosos. O desejo pelo sexo, e pela procriação decorrente dele, era um elo entre mortais e deuses, desse modo, as pulsões libidinosas mantinham status elevados entre os sentidos humanos, eram verdadeiros traços divinos no homem. Deuses e homens eram criados do mesmo impulso: o sexual. Os deuses egípcios, assim como os gregos, mantinham relações sexuais e possuíam grandes poderes diante da humanidade, entretanto, as divindades egípcias eram representadas por formas de animais ou metade humanos, metade animais; possuíam formas, então, extremamente diversas àquelas dos gregos – que se assemelhavam ao mais sublime da beleza humana e possuíam formas de homens e mulheres. Outra divergência entre os deuses do Olimpo e os esfíngicos é a imortalidade e a vida cíclica, respectivamente. Os deuses gregos eram imortais, imutáveis, eternamente configurados moral e arquetipicamente da mesma maneira, já os egípcios seguiam o ciclo de vida dos humanos, nasciam, cresciam e morriam para renascer novamente.

O cotidiano das culturas antigas era diretamente afetado pelas ações dos deuses. As sociedades buscavam seguir o modo de vida das divindades e, assim, manter o equilíbrio e evitar a ira divina. Portanto, para que se compreenda a sociedade, é necessário que se compreenda sua religião e mitologia: deuses que valorizam e exaltam o sexo gerarão sociedades que possuem os mesmos valores.

“Ocorre que a humanidade sempre encenou essa tragédia; as máscaras de que se reveste o Desejo não são obra nossa; são herdadas; são elas que vamos reencontrar agora, cada vez mais arcaicas, através das camadas sucessivas da Memória até que, no mais fundo do poço noturno, deparemos com a Face despida do nosso Desejo.” (BASTIDE, 2006, p.35)

Expiando as mitologias, enraizamentos da mentalidade ocidental, Bastide ensaia explicações acerca da trindade mística e religiosa presente em todas as sociedades e eras da humanidade. A abundância de elementos triplos aumenta à medida que se adensam as trevas do inconsciente e, numa perspectiva psicanalítica dos símbolos, a trindade simboliza o aparelho genital masculino. A extração de galhos e dentes, a castração, a circuncisão são todos simbolismos de passagem e poder advém do poder do falo presente no inconsciente mais remoto da humanidade. As camadas do sono conduzem o feiticeiro subterrâneo, homem sonhador, de andar em andar para além de toda a razão, para o interior da libido desenfreada que é a sua origem arqueológica. Encontra-se neste panorama de descobrimento da libido aprisionada no inconsciente, para Bastide, a origem da religião e da magia entre os povos

totêmicos: ostentação primeira dos desejos incestuosos e o súbito pavor da inteligência incipiente diante do incesto consumado.

Decorrente de várias conjunturas históricas e políticas, houve, no final do século XIX e no início do século XX, um ensejo geral de artistas, poetas, pintores, músicos, todos cansados da razão, que encontraram no terreno da libido uma nova arte de revolta, com as arquiteturas sutis do sonho. Entretanto, para Bastide, a maioria deles se satisfaz depressa demais com a novidade pitoresca ou viu somente o laço ilógico das imagens no sonho, julgando-as apenas pelas duas dimensões do plano, o seja, pela aparência. A poesia mais nova está encoberta na análise no próprio sonho, no pressentimento do renascimento dos mitos (SZKLO, 1996, p.28).

Acerca disso, pode-se ressaltar o trabalho de Mário de Andrade que associava a paixão de pensar à paixão de viver, visto que a pulsão de desejo geradora da paixão é fruto intrínseco do inconsciente que é, por sua vez, ancestral. A mentalidade alargada de Mário visava adaptar a imaginação para visitar os outros, o que implicava em mover-se por um espaço potencialmente público, o inconsciente (SZKLO, 1996, p.28).

O mergulho bergsoniano

As concepções de Bergson² (1859-1941), ressaltadas por Bastide, em muito diferem dos pressupostos psicanalíticos de Freud, entretanto, o pesquisador francês Roger Bastide enlaça as duas vertentes teórico-idealistas de modo a torná-las complementares e simultaneamente possíveis, representantes igualitárias da hipótese de verdades sobre o sono e o sonho e verdadeiras construções míticas da modernidade.

De acordo com as idéias de Bergson, a vida é um resultado natural da luta entre o espírito e a matéria. Seus conceitos de evolução criadora e impulso vital, atrelados o máximo possível aos dados da biologia, consideram que a intuição seja o impulso mais puro proveniente do homem. A materialidade representa uma interrupção da tensão vital, um movimento contrário à evolução natural do homem. A vida é a sede de ascensão e esbarra na

² Henri Bergson (Paris, 18 de outubro de 1859 - Paris, 4 de janeiro de 1941) foi um filósofo e diplomata francês. Sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia e bioética. Fonte: <http://www.consciencia.org/bergsonbochenski.shtml> Acessado em dezembro de 2011.

materialidade que é o limite da criatividade, complica e limita a expansão da vida; apenas recortes arbitrários do real podem ser acessados a partir da percepção humana e da ciência.

Segundo Bastide, Bergson confere a gênese do pensamento mítico às metamorfoses das imagens noturnas, dos sonhos, que representam a libertação da animalidade escondida e escorada na alma. O ato de sonhar torna-se, portanto um esboço da libertação espiritual. As memórias estão alojadas no inconsciente psicológico, não fisiológico, de forma puramente espiritual, com o domínio da memória pura, tem início o domínio próprio da alma radicalmente distinta do corpo.

Não se pode confundir o anti-materialismo de Bergson com a subjulgação do corpo. Para ele, cuidar do corpo é ter cuidado com a vida. A fisiologia humana e os processos físicos do cérebro tem o papel de selecionar entre as memórias aquelas que levem luz à vida, guiem a ação presente do homem, enquanto todas as outras são reprimidas.

Todas as analogias produzidas por Bastide favorecem a concepção de que o cérebro é apenas um intermediário entre sensações e movimentos, com a função única de orientar a memória para o real e ligá-la ao presente, portanto, a memória é absolutamente independente da matéria. Assim que o corpo, o interdito, entra em estado de sono e descansa, todas as lembranças normalmente reprimidas poderão de imediato emergir para a consciência devido ao distanciamento entre a alma e o corpo: isso é o sonho.

Torna-se relevante comentar os conceitos bergsonianos de corpo e, principalmente, de alma. O corpo, matéria imóvel e inanimado em separado da alma, é visto como em oposição a ela. Já a alma, ultrapassa infinitamente o corpo e é, em sua natureza, ilimitada, possui potencialidades para todas as coisas conhecidas ou imaginadas pelo homem. Porém, durante sua existência nesse mundo, encontra no corpo um obstáculo de sua plena manifestação. O poder da vontade é a manifestação pura da alma presente no corpo físico, mas, normalmente, não tem força, pois está distribuída em milhares de sensações presentes que o corpo oferece, em vez de concentrar-se em um só ato de fervor (fé que move montanhas).

A telepatia, por exemplo, seria um caso de desenvolvimento do uso dos sentidos e demonstra o potencial da alma, entretanto, o conhecimento de tudo o que se passa no universo causaria um travamento da ação, assim, o corpo encolhe diante de milhares de sensações possíveis e apresenta ao ego humano apenas aquelas que são problemas realmente urgentes, ou seja, a sensação dos objetos que cercam os indivíduos.

Para Bastide, ao seguir o raciocínio bersonianano, a morte do corpo não acarreta necessariamente a morte da alma. Ele não afirma sua imortalidade, mas esta lhe parece possível e provável. A morte do corpo seria, então, a morte do obstáculo que impedia a alma de se dilatar e expressar seus poderes. A vida da alma após a morte do corpo não é sombria e turva, é, porém, a conquista no mais magnífico desabrochar.

Considerações finais

Sabe-se que as análises construídas por pesquisadores antropólogos ou sociólogos, bem como a descrição etnográfica, são resultados de inúmeros fatores como a personalidade do pesquisador, o caráter do encontro com o objeto de pesquisa, suas escolhas estratégicas de atuação e apresentação dos detalhes, os métodos de construção do texto e uma infinidade de elementos que compõem o construto da pesquisa.

A ânsia do pesquisador Roger Bastide por novos conhecimentos o conduziu a um percurso peculiar dentro das sociologias e antropologias da época. Ele possuía a mente aberta ao oculto e ao intuitivo e tentou analisar as peculiaridades da vida humana tão marcantes e determinantes para o desenvolvimento das culturas.

Em *O Mergulho Tenebroso*, a vida no além parece ser a própria vida no sonho, o sonho já é o esboço palpitante da imortalidade, assim, o sono seria mesmo o aprendizado na morte. O sonho é apenas germe dessa vida eterna, pois as imagens do sonho ainda são de certo modo filtradas pelo corpo que está apenas adormecido e não destruído.

Referências Bibliográficas

- BASTIDE, Roger (2006). “O Mergulho Tenebroso” in *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1976)
- CASSIRER, E. (1998). *Filosofia de las formas simbólicas*. México: Fondo de Cultura Económica. (Publicado originalmente em 1964)
- EINSTEIN, A. (1954). *Ideas and opinions*. New York: Crown.
- FEINSTEIN, D.; KRIPPNER, S. (1988). *Personal mythology: The psychology of your evolving self*. Los Angeles: J. P. Tarcher.
- GANDON, Odile (2000). *Deuses e heróis da mitologia grega e latina*. Brasil: Martins Fontes.
- KRIPPNER, S. (1992). *Sonhos como um espelho de mudança na mitologia pessoal*. Paper apresentado à “Second International Meeting on Humanistic and Transpersonal”. Galicino, Rússia: 2-10 July. Trad. José Ascanio de Andrade 03/2002. Disponível em: <http://www.inic.com.br/pdf/sonhos.pdf> Acessado em novembro de 2011.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1996). *Antropologia Estrutural Dois* (5a ed.). (C. Ratz e E. Pires, Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Publicado originalmente em 1973).
- MORIN, E. (1986). *O método III: o conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Publicações Europa-América, LDA.
- PROUST, Marcel (2006). *No caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. Vol 1. 3ª Ed.
- SZKLO, Gilda Salem (1996). *Um desejo quase enraivecido de Rio: Mário de Andrade e o Rio*. Rio de Janeiro: FCRB.